

E I T I S O

O Romantismo Político de

Estão prestes a terminar as comemorações do bicentenário do nascimento de Victor Hugo, um dos maiores romancistas da história da Literatura. Na moldura dessas celebrações, deu-se especial destaque à obra literária do escritor francês, e esqueceu-se bastante o seu pensamento político e a sua acção social — ele que era um defensor de uma “Europa Unida”, que veio a tornar-se realidade quase dois séculos depois... É dessa componente política e social de Victor Hugo que nos fala, no texto que se segue, o Prof. Acílio Rocha.

Victor Hugo nasceu (1802-1885) em Besançon, França, estando a concluir-se o ano das comemorações do seu bicentenário. Da sua obra, foi sobretudo analisada, ao longo de 2002, a poesia, o romance, o teatro, a obra histórica e crítica, enfim, os trechos e textos onde lirismo e epopeia se conectam numa obra original e sempre aberta à análise. Não pode, contudo, olvidar-se a intensa e incansável actividade política, nos actos e nas palavras, que muito contribuíram para renovar o pensamento social e político. É dificilmente imaginável como Hugo, no seu tempo, apresentou uma concepção do mundo no seu devir, como ele o fez com brilho e ardor, desde a defesa dos direitos humanos, a abolição da pena de morte, a igualdade social, os direitos da criança e a emancipação da mulher, nomeadamente, afirmou: «É preciso aproveitar do silêncio imposto às paixões anárquicas para dar a palavra aos interessados. É preciso aproveitar o desparecimento do espírito da revolução para fazer reaparecer o espírito do progresso! É preciso aproveitar a calma para restabelecer a paz, não somente a paz nas ruas, mas a paz verdadeira, a paz definitiva, a paz nas corações e nos espíritos! É preciso, em suma, que a derrota da magia seja a vitória do povo». Todavia, mais difícil, ante imaginável é como Hugo defendeu então o desarmamento, a constituição duma Sociedade das Nações e, especialmente, os Estados Unidos da Europa.

Victor Hugo, o grande poeta e escritor, mas também o ensaísta e o pensador, não se dedicou somente à arte da ficção e aos recursos do imaginário; se é verdade que a obra “Les Misérables” o imortalizou como obra plena de humanidade e de fraternidade, é verdade também que ele foi ainda um dos mais destacados militantes, e um dos mais empenhados, da causa europeia: Victor Hugo, desde 1849, no contexto do romantismo político, e impulsionado pelos ideais de povo e de nação, exaltou a “fraternidade europeia”, a “República europeia”, enfim, os “Estados Unidos da Europa”, abrindo uma via de futuro.

Segundo o pensamento de Hugo, o que ressalta é

Por

Doutor Acílio Rocha

(Prof. da Universidade do Minho)

a unidade na diversidade; segundo ele, em todo o espaço europeu sente-se o apelo mágico da Europa: desde o itinerário da história europeia, às camadas arqueológicas e aos contrastes da geografia europeia — que revelam unidade e diversidade —, às modulações da arte europeia — onde tudo parece separar e unir —, ausculta-se uma Europa ao mesmo tempo plena de “singularidades” e do “universal”, uma Europa dos povos e uma Europa unida.

Filho da Revolução Francesa, influenciado pelos socialistas utópicos, como Owen, Fourier, Saint-Simon, o seu pensamento está em consonância com a visão optimista e progressista de que todos viverão fraternalmente; tal como os homens das Luzes que, aquando das comemorações dos centenários de Voltaire e outros, Victor Hugo louva e enaltece, deposita também uma poderosa fé no Homem, reafirmando a certeza de que triunfará sobre todas as formas de opressão e sobre a fatalidade.

Em *L’Avenir* refere: «... no século XX, haverá uma nação sublime. Esta nação será ilustre, o que não a impedirá de ser livre. Será ilustre, rica, pensante, pacífica, cordial com o resto da humanidade (...) Ela será mais do que nação, ela será civilização; ela será mais que civilização, será família. Esta nação (...) chamar-se-á

Europa no século XX, e nos séculos seguintes, bastante diferente então, ela chamar-se-á Humanidade. Visão majestosa (...) o continente fraternal, tal é o futuro».

Em *Declaration de Paix* (1867), afirma: «Que a Europa seja bem-vinda. Que ela chegue até nós. Que tome posse desta Paris que lhe pertence e à qual ela pertence. Que esteja à vontade e que ela respire a plenos pulmões nesta cidade de todos e para todos, que tem o privilégio de fazer acontecimentos europeus! É daqui que saíram todas as impulsões do espírito do século XIX; é aqui que se conseguiu o magnífico espectáculo contemporâneo das inteligências; é aqui que têm sido colocados debates e resoluções no sentido da libertação, todas as grandes questões desta época: direito do indivíduo, base e ponto de partida do direito social, direito do trabalho, direito da mulher, direito da criança, abolição de ignorância, abolição da miséria, abolição da força sob todas as formas, inviolabilidade da vida humana».

A ideia de “fraternidade europeia” construída pelas nações do continente sem perder as suas qualidades distintas e a sua própria individualidade, fundando-se numa unidade superior, será insistentemente anunciada, reconhecida e proclamada por Victor Hugo, e que o próprio, aplaudido por uns e surpreendendo o ceticismo de outros não deixa de evocar.

Recorda, então, o dia em que, da tribuna, pronunciava o que ninguém nunca havia pronunciado: «os Estados Unidos da Europa. O Sr. Molé foi digno de ser notado. Levantou-se, atravessou a sala fazendo sinal aos membros da maioria para saírem, e saiu. Não foi seguido; entrou de novo, indignado. (...)». Victor Hugo, imperturbável, continua o seu propósito de proclamar a fraternidade que chegará a todos no futuro.

No Congresso da Paz, em Paris (1849), no seu discurso de abertura, é bastante aplaudido e diz: «Um dia virá em que veremos esses dois grupos imensos, os Estados Unidos da América e os Estados Unidos da Europa (aplausos), colocados um em frente ao outro,

estendendo a mão por cima dos mares, trocando os seus produtos, o seu comércio, a sua indústria, as suas artes, os seus génios, (...) e combinando juntos o bem-estar de todos, estas duas forças infinitas, a fraternidade dos homens e o poder de Deus! (muitos aplausos). Em 1851, Victor Hugo é obrigado a retirar-se para Bruxelas, na sequência do golpe de estado de 1851, tendo-se proclamado o Império, em 1852. Luis Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, tinha conquistado o povo e a Assembleia, impondo o domínio, a opressão, a tutela sobre a imprensa e a universidade (supressão das agregações de História e Filosofia), pressão eleitoral, vigilância, etc. Victor Hugo, publica *Napoleon-Le-Petit*, instalando-se em Jersey, donde será expulso em 1856.

A ideia de futuro como esperança que conduz à liberdade e à humanidade é retomada, pelo autor, quando se dirige aos polacos em "Virgt-Troisième Anniversaire de la Revolution Polonaise", saudando de novo «a alvorada bendita dos Estados-Unidos da Europa (...) realização esplêndida (...)». De tal forma Victor Hugo acredita nesta união de países europeus que, no Congresso da Paz em Lausanne (1869), se dirige aos congressistas denominando-os «concidadãos dos Estados Unidos da Europa», uma vez que «a república federal fundada já em direito, concretizará o início de um grande futuro».

Incansável no seu propósito, escreve "Pour la Serbie, 1876": «(...) o que se passa na Sérvia demonstra a necessidade dos Estados Unidos da Europa. Que aos governos assassinos sucedam os povos unidos. Acabemos com os impérios homicidas (...), o futuro é um deus amestrado por homens cruéis». E a este propósito, acrescenta: «É necessário chamar a atenção dos governos europeus para um acontecimento, que parece tão pequeno, que os governos provavelmente não podem percebê-lo. Este acontecimento, aqui está: assassinam um povo. Aonde? Na Europa. Este acontecimento tem testemunhas? Sim, uma testemunha: o mundo inteiro. Os governos vêem-no? Não... O género humano vê com outros olhos: a consciência».

E prossigue: «Nós vamos surpreender os governantes europeus para que aprendam uma coisa: que os crimes são crimes, e que não é mais permitido a um governo, como não o é a nenhum indivíduo, ser assassino. Porque

a Europa é solidária e tudo o que se faz na Europa é feito pela Europa; e se existe um governo animalesco e feroz, este deve ser tratado como animal feroz. E que neste momento, muito perto de nós, lá sob os nossos olhos, massacra-se, degolam-se os pais e as mães, vendem os meninos e as meninas: (...) queimam as famílias dentro de suas casas: (...) os cemitérios estão atulhados de cadáveres que não foi possível enterrar, de modo que aos sobreviventes que lhes infligiram os ataques, devolveram a peste (...)!» Isto passava-se em 1876, durante a guerra dos Balcãs. Parece que os tempos não mudaram, e que a doutrina do eterno retorno e da visão cíclica da história adquire pertinência. Europa continua a necessitar de fazer prevalecer a paz nesta região, mais uma vez despedaçada pela paixão nacionalista.

Não obstante, reconhecemos o seu mérito, que o próprio escritor português, Eça de Queirós, registou: «(...) considero como eminentemente fecunda a acção política de Hugo. No seu tempo, Hugo não era um homem de Estado como Turgot: Hugo é o bardo da Democracia. A ele não compete organizá-la; compete anunciá-la. Ele prega, num radiante lirismo, o advento do reino do Homem: (...) são os hinos que fazem as revoluções — e não conceder influência social a Hugo porque ele não escreveu como Stuart Mill, parece-me não querer perceber que em todos os movimentos sociais o mais poderoso agente é o sentimento, e que tão benemérito é da Democracia o que a exalta nos seus cantos, como aquele que, legislando, a torna depois estável e forte».

E por uma confederação fundada em bases filosóficas, éticas e sociais, que numa base jurídica, que Hugo milita, tendo por base quer o sufrágio universal, a livre circulação das pessoas, de ideias e de bens, quer o desarmamento e a arbitragem entre as nações, a supressão das fronteiras, a solidariedade e a paz universal.

Seja qual for o juízo que se queira fazer da obra de Victor Hugo, sente-se desde logo uma intensa pulsação que ela manifesta; e não se peça mais aos que sonharam e reflectiram que aos que se dedicaram profissionalmente à política. A obra de Hugo inscreve-se nos registos do genial e do utópico, porque — como ele afirmou — «não se esqueça, quando as utopias vão no sentido da humanidade (...), as utopias de um século são os factos do século seguinte». □



Paris, a cidade amada de Victor Hugo